

## **Comunicação no mundo lusófono**

### **- Síntese histórica da imprensa portuguesa em Goa (Índia)**

Eduardo Judas Barros<sup>1</sup>

*Uma das marcas características da colonização portuguesa foi com certeza a construção de um mundo Lusófono.*

A Lusofonia hoje é o processo de estruturação da identidade cultural dos povos que falam a língua portuguesa.

Ela tem a dupla dinâmica – a de projetar cada uma das culturas nacionais e comunitárias no espaço lusófono e fortalecer a sobrevivência da língua portuguesa.

A língua portuguesa foi, nos séculos XVI, XVII e XVIII a língua dos negócios nas costas do oceano Índico, em função da expansão colonial e comercial portuguesa.

O mundo lusófono hoje não é uma utopia mas sim uma realidade onde estão integradas as comunidades que tem um elo forte de ligação baseado na língua portuguesa e numa cultura proveniente da mesma fala.

A fundação e a expansão de Portugal foram a precondição da existência das comunidades lusófonas. Neste contexto as viagens dos descobrimentos portugueses permitiram contatos e relacionamentos duradouros com o Extremo Oriente de que ainda hoje se encontram frutuoso vestígios.

A política de miscigenação, de casamentos e cruzamentos com os povos encontrados foi uma constante da presença portuguesa que hoje constitui o Mundo da Lusofonia que em estrito senso não é aplicável às presenças portuguesas na região da Ásia-Pacífico, parecendo difícil, com exceção de Timor, a sua articulação com os objetivos da comunidade dos países da língua portuguesa (CPLP).

Mas convém alargar o entendimento da lusofonia e considerar que o legado histórico-cultural de Portugal na região com marcas bem visíveis de Goa a Nagasaqui, de Malaca a Macau, de Ceilão à Tailândia, partilham e incluem-se nessa comunidade de entendimentos que tem sobrevivido às vicissitudes do tempo e encontra a sua forma

de linguagem em modos tão expressivos como a música, a literatura, a culinária, a arquitetura e sobretudo formas de ser e estar em português, conseqüências do processo de Acluturação que marcou a Colonização Portuguesa.

Por toda a Ásia, o português tornou-se até ao século XVIII, a língua franca do comércio à distância. Não apenas as povoações locais, mas, mais tarde Holandeses e Ingleses igualmente, tinham de aprender os rudimentos de português para serem compreendidos dos intérpretes.

É neste contexto da expansão da língua portuguesa que se deve analisar a história da imprensa portuguesa em Goa, na Índia.

Situada no sul, no litoral do Concão, na costa Ocidental da Índia, Goa, o atual Estado Indiano, foi a principal colônia portuguesa desde 1510 até 1961, ano em que foi integrada na União Indiana.

Descoberto o caminho marítimo das Índias Orientais em 1498, por Vasco da Gama, toda a base da expansão comercial portuguesa, que motivara os descobrimentos mudou. Na primeira metade do séc. XV as expedições à África Ocidental buscavam, primordialmente, adquirir o ouro da costa da Mina e da Guiné. As caravelas deixavam as metrópoles carregadas de utensílios de latão e cobre, pano de linho e bugigangas, mais tarde na Costa Oriental da África, rosários e miçangas, negociando esses artigos contra ouro e escravos.

Uma vez descoberto o caminho marítimo para a Índia, o objetivo comercial mudou e passou a ser o comércio das especiarias, pimenta, cravo, canela, noz moscada e não o ouro.

O acesso direto à Índia permitiu aos portugueses eliminar radicalmente os intermediários árabes que haviam controlado o mercado de exportação europeu, até aquela data, com base no Cairo e Alexandria. As especiarias eram compradas com ouro de

Guiné e com a prata alemã recebida em pagamento das mercadorias vendidas na Europa. Veneza, o anterior empório do comércio das especiarias, na Europa, sofreu uma severa crise e aliou-se aos traficantes árabes do Mar Vermelho numa tentativa de desalojar, pela força, os portugueses das posições vantajosas que haviam conquistado na Índia. Mas, em 1509, sob o comando de D. Francisco Almeida, que foi o primeiro vice-rei português na Índia, o controle português de navegação no Oriente Médio estava assegurado. Os portugueses tinham conseguido monopolizar o comércio na Índia e em grande parte do Oriente.

Em 1510, Afonso de Albuquerque conseguiu conquistar Goa e dominar toda a costa indiana. E foi aqui em Goa, capital desde o início do império Português no Oriente que se desenvolveu o processo de colonização portuguesa na Índia.

A língua portuguesa durante o período colonial foi a língua oficial do Estado, tendo sido o veículo de instrução nas escolas primárias e secundárias até o Liceu, pois, até a sua integração na Índia a colônia não tinha ensino superior universitário. O domínio e a expansão da língua portuguesa em Goa criou uma base cultural portuguesa, formada pelos portugueses bem como pelos Goeses que tinham assimilado bem a língua portuguesa. É neste sentido que se deve entender a presença da imprensa portuguesa em Goa.

### **Imprensa Portuguesa em Goa**

O início da imprensa periódica em Goa, se deu em 22 de Dezembro de 1821, com a publicação do primeiro jornal oficial, a *Gazeta de Goa*. Este jornal, que era um órgão oficial do governo, era semanal e continha as deliberações do governo, o cadastro mensal da receita e despesas do tesouro público, do senado da câmara, da Santa Casa de Misericórdia, inserindo também algumas informações sobre a metrópole e do estrangeiro.

A *Gazeta de Goa* teve como seu primeiro redator o físico-mor Dr. Antônio José de Lima Leitão e em seguida foi editada pelo oficial-maior da secretaria, Luís Prates de Almeida Albuquerque, a quem sucedeu José Aniceto

da Silva. O jornal perdeu o seu valor primitivo de publicação após a morte do seu redator Luís Prates, convertendo-se em veículo de discussões e animosidades, como observa Antônio Maria da Cunha, na sua obra *A evolução do jornalismo*. Em 1826, a Junta que sucedeu ao Vice-rei D. Manuel de Câmara, lavrou em 29 de agosto de 1826 uma portaria mandando cessar a publicação da *Gazeta de Goa* afirmando que “sempre o governo passou sem imprensa e sem *Gazeta* até a infeliz época da Revolução, e nestes tempos desastrosos só produziu males, e que achando-se atualmente os tipos imprestáveis, não havia inconveniente em se suspender a *Gazeta*”.

Em consequência das lutas públicas no Estado, o governo que estava no poder, criou em 13 de Junho de 1835, um novo jornal periódico “*Chronica Constitucional de Goa*” que foi portanto o segundo jornal, igualmente oficial e semanal como o primeiro e redigido pelo mesmo José Aniceto da Silva, que na sua parte não-oficial se consagrava à política em combate violento com os jornais portugueses de Bombaim como o “*Investigador Português*” de José Valério Capela.

A “*Chrónica*” suspendeu a sua publicação em 30 de Novembro de 1837. Sucedeu a este jornal, o periódico oficial *O Boletim do Governo do Estado da Índia* que teve iniciada a sua publicação em 7 de dezembro de 1837. Conforme o decreto de 7 de dezembro de 1936 que nas províncias ultramarinas fosse publicado em Boletim, tendo por seu Editor Chefe o Secretário Antônio Mariano de Azevedo, auxiliado pelo cônego Caetano João Peres e por Cláudio Lagrange Monteiro Barbuda. *O Boletim* foi publicado semanalmente, à exceção dos primeiros cinco meses de 1843 em que se publicaram dois números por semana, como se veio fazendo depois desde o começo de 1856 até agosto de 1879. Tanto a “*Chronica Constitucional*” como a “*Gazeta de Goa*” segundo observa Antônio Maria da Cunha no seu livreto “*A Evolução do Jornal*” tinham o cunho de jornais oficiais. O primeiro jornal político da Índia Portuguesa foi o “*Echo da Lusitânia*”, também impresso nos pelos do Governo por uma única razão de que não havia outra tipografia no país. Tendo por editor o

desembargador Manoel Felicíssimo Lousada de Araújo, o jornal teve a periodicidade semanal com início em 7 de Janeiro de 1836 e terminado em 5 de Março de 1837.

Na mesma Tipografia do Governo, foram ainda publicados *O Vigilante*, do Major do Exército de Moçambique, João de Souza Machado, que se publicou de 13 de Julho de 1838 a 22 de Outubro do mesmo ano; *O Observador* de José Aniceto da Silva, publicado de 15 de Fevereiro de 1839 a 31 de Outubro de 1840, tendo sido quinzenal nos seus primeiros 24 exemplares e depois mensal; *o Correio de Nova-Goa*, semanal, de Bento Zeferino Gonçalves de Macedo, de 4 de Janeiro de 1844 a 8 de Março de mesmo ano; *A Voz dos Povos da Índia*, semanal também, da redação coletiva de José Aniceto da Silva e outros que durou de 3 de Julho de 1845 a 3 de Março de 1846; *o Defensor da Ordem e da Verdade* da redação de José Antônio de Oliveira e outros, com a duração de 24 de Agosto de 1852 a 31 de Agosto de 1853 e *o Defensor do Real Padroado* com os mesmos redatores do anterior que iniciaram a sua publicação em 1º de Setembro de 1853 terminando em Março de 1854.

Saiu à luz também nessa mesma época, outro órgão oficial que foi publicado de 22 de Maio de 1844 até o fim do ano de 1845 com o nome de *Apensão aos Boletins do Governo* e que tomou o nome depois de *Jornal da Santa Igreja Lusitana* publicado sob a orientação do Arcebispo D. José Maria da Silva Torres, defensor vigoroso do Padroado do Oriente contra a Propaganda tendo sido publicado de Janeiro de 1846 até Março de 1849.

Essa é a fase do primeiro período da Imprensa Periódica de Goa Colonial que saiu do prelo oficial do governo.

### A Segunda Fase do desenvolvimento

A 2ª fase da imprensa portuguesa em Goa se inicia com a introdução da primeira gráfica particular por *Bernardo Francisco da Costa* em 1859 e é considerado o mais fecundo período da imprensa e do progresso literário de Goa.

E foi ele que fundou o primeiro jornal com tipografia própria, *O Ultramar*. O primeiro número de “*O Ultramar*” foi

publicado na cidade de Margão, no Conselho de Salcete em 6 de Abril de 1859, tendo o próprio Bernardo Francisco Costa como seu Editor principal e seu irmão Antônio Anastácio Bruto da Costa como redator responsável. Tendo Bernardo Francisco Costa sido eleito deputado às Cortes em Lisboa, ficou desde 15 de Agosto de 1867 como editor o seu irmão Antônio Anastácio Bruto da Costa e continuou até a sua morte, 24 de Abril de 1911. Conforme, atesta Antônio Maria da Cunha foi o único jornalista da Índia Portuguesa cujo cinquentenário se celebrou. Após a sua morte o jornal foi dirigido pelo seu filho, o advogado Condorcê Bruto da Costa, assumido o mesmo desde 1º de Maio de 1911.

Inicialmente semanal, passou a ser bi-semanal desde 2 de Novembro de 1905. Ao *Ultramar* seguiu-se outro importante jornal *A Índia Portuguesa*, tendo como editor Manuel Lourenço de Miranda. Foi publicado na Tipografia estabelecida em Margão e depois transferida para Orlim no mesmo Conselho de Salcete, onde continuou a ser publicado desde 29 de Dezembro de 1864. Após a morte de Manoel de Miranda Franco, passou em 13 de Maio de 1866 a ser editado por Dr. José Inácio de Loyola que esteve já trabalhando no jornal e permaneceu como editor até 17 de Maio de 1902, seguindo-se-lhe o seu irmão Avertano de Loiola que o editou de 4 de Julho de 1892 até 21 de Agosto de 1911, em que, por últimos acontecimentos políticos suspendeu a sua publicação empreendendo a do outro jornal semanal, *O Popular*, em Varcá no mesmo conselho de Salcete, que se publicou de 4 de Outubro de 1911 a 20 de Maio de 1912.

Renasce a *Índia Portuguesa* em 10 de agosto de 1912 sob a direção do Dr. Miguel Loyola Furtado que a dirige até a sua morte em 14 de setembro de 1918, ficando suspensa mais uma vez a sua publicação. Porém a “*Índia Portuguesa*” volta a ser publicada mais uma vez, mas desta vez em São Tomé, uma aldeia do mesmo conselho de Salcete, sob a direção de Vicente de Bragança Cunha e é publicada até 26 de novembro de 1921, interrompendo mais uma vez a sua publicação. Com esses jornais encerra-se o 2º período da imprensa portuguesa em Goa.

### A Terceira Fase da Imprensa

O terceiro período da imprensa portuguesa em Goa pode ser marcado com a publicação do jornal diário “O Heraldo”. As bases para o lançamento do jornal diário em Goa já se iniciam em 1899 e em 22 de janeiro de 1900 é publicado o seu 1º número, tendo como diretor e proprietário Messias Gomes. Em 1901 com a partida de Messias Gomes a Lisboa, assume a direção do jornal o jornalista Antônio Maria da Cunha até 8 de Maio de 1908 que em seguida funda o seu próprio jornal *Heraldo*.

O jornal “O Heraldo” amplia as suas dimensões e no mesmo dia “A Era Nova”, semanário da capital se torna um diário mas termina a sua publicação em 1905.

Ainda em 1905 se inicia em Margão outro periódico *Echo da Índia* cujo 1º número sai portanto em 9 de setembro de 1905. Passa a ser semanal até que é interrompida a sua publicação em 1907.

Mas no mesmo ano de 1905 publicou-se na capital do Estado de Goa, o “Diário de Goa” que termina em 1906.

Também desde 14 de setembro de 1911 até 31 de novembro de 1912 é publicado como diário o *Correio da Índia* que passa depois a ser semanal.

Em 1 de Dezembro de 1919 é publicado o *Diário da Noite*, de formato pequeno, pelos irmãos Luís Menezes e Antônio Menezes. Temos ainda o diário publicado em Margão no Conselho de Salcete, *A Vida* fundado pelo médico Sales da Veiga Coutinho que continuou a ser publicado até depois da integração de Goa na Índia em 1964, tendo como editor o seu filho Pe. Lúcio da Veiga Coutinho, tendo sido transformado mais tarde em diário de língua Concani pelo nome de *Divitti* do qual tive a oportunidade de ser o seu 1º editor.

Os quatro diários em língua Portuguesa *O Heraldo*, *Heraldo*, *Diário da Noite* e *A vida*, continuaram a ser publicados em Goa até depois de 1964, ano em que Goa começou a fazer parte da União Indiana. Hoje não existe nenhum jornal nem periódico em língua portuguesa em Goa.

O Jornal diário “*O Heraldo*” se transformou em diário em inglês com o nome de *Herald*.

Embora a colonização portuguesa se deva à exploração comercial, como se qualificou todo o processo de colonização europeia na Índia, esse processo se diferiu tanto do processo de colonização francesa bem como inglesa, na própria Índia.

Esta diferenciação se baseia especificamente na política colonial portuguesa em Goa, começada por Afonso de Albuquerque imediatamente após a sua tomada.

Esta política se firmava em construir uma comunidade luso-tropical cristã, sendo que a colonização portuguesa e a cristianização se tornaram inseparáveis, o que não aconteceu nem com a francesa nem com a inglesa nas outras regiões da Índia.

Por isso mesmo, como nota K. M. Pannikar (1956;55). “de todos os povos que colonizaram a Índia, os portugueses deixaram um rastro indelével da sua passagem colonial”. Isso enquanto criaram em Goa uma comunidade cristã, adaptando-se o conceito de luso-tropicalismo, qual foi proposto por Gilberto Freyre, às considerações de situação histórico-social de Goa.

O processo colonial português chegou a criar uma comunidade cristã que se ocidentalizou nos seus modos, hábitos de vida e valores culturais. Esse processo se desenvolveu precisamente numa situação de transmissão cultural direto, considerada a própria missiologia da época, segundo a qual cristianizar era ao mesmo tempo ocidentalizar.

Conforme o escritor goês Mariano Saldanha (1948;8), em Goa, a cultura portuguesa teve rápida assimilação, tornando-se imediatamente reprodutiva, dado que o secular sistema educativo dos hindus havia preparado o terreno intelectual propício. Dentro de meio século, ou menos ainda, da dominação portuguesa, estava esta pequena capital do império luso-oriental por tal forma lusitanizada no seu elemento intelectual cristão, que se achava em condições de auxiliar o próprio governo português, tanto na administração como na propagação do cristianismo no Oriente, fornecendo burocratas e missionários nativos habilitados nos seus seminários e colégios”.

### Conclusão

É neste contexto de colonização Portuguesa na Índia que a língua portuguesa remotamente

aparentada com a língua local de Goa, o Concani e com outras línguas de procedência sanscrita espalha-se em todos os territórios de Goa, Damão e Diu que constituem a Índia Portuguesa mais particularmente em Goa, devido às escolas governamentais que se multiplicam e sobe a tal altura a assimilação do novo idioma por parte duma elite sempre crescente de Goeses que não tarda a desabrochar em apreciáveis produções de pensamento e de arte.

Com efeito a história da cultura literária de Goa Lusófona poderá ser dividida em quatro períodos. O primeiro abrange o tempo que vai desde a criação de escolas paroquiais em 1545 até o início da imprensa periódica com a publicação de Gazeta de Goa, em 22 de Dezembro de 1821. A 2ª fase seria o tempo que vai até a criação do Instituto Vasco da Gama em 1871, hoje chamado Instituto Menezes de Bragança com o nome dum dos líderes nacionalistas de Goa. O terceiro período poder-se-ia situar desde 1871 até 19

de Dezembro de 1961, data em que Goa foi integrada na União Indiana. O período inicial da produção literária em língua portuguesa em Goa, tem início em 1545, quando o Vice-Rei D. João de Castro, manda abrir escolas com o objetivo de doutrinar nelas os meninos nos rudimentos da fé cristã e de ensiná-los, ao mesmo tempo, a ler, escrever e cantar em português. Foram estas escolas os primeiros estabelecimentos públicos da Instituição Primária em Goa em língua portuguesa.

É neste contexto que a imprensa portuguesa em Goa Colonial marca o desenvolvimento da língua portuguesa em Goa e terá de ser estudada mais profundamente para analisar a formação das elites intelectuais goesas, considerando que todos os quatro diários se sustentaram e sobreviveram até pouco tempo depois da integração de Goa na Índia, quando começa a desmorronar-se o mundo lusófono de Goa na Índia

**Bibliografia**

**Aleixo**, Manoel da Costa —*Dicionário de Literatura Goesa*, 3 vol., Fundação Oriente, Macau, 1998.

**Cabral e Sá**, Mario —*Konkan – nama*, A Journey Across Time, Konkan Railway Corporation Ltda., Mumbai, 1998.

**Cabral e Sá**, Mário e **Pasricha** Amit – *Goa, Pearl of the East*, Lustre Press Roli Books, New Delhi, 1996.

**Cunha**, Antonio Maria da —*A evolução do jornalismo na Índia Portuguesa*, Imprensa nacional, Nova Goa, 1923.

**D'ayalla**, Federico Diniz —*Goa: antiga e Moderna*, Livraria Coelho, Nova Goa, 1927.

**De Souza**, Teotonio —*Goa to me*, Concept Publishing Company, New Delhi, 1994.

**De Souza**, Teotonio (Editor) —*Goa Through the ages*, vol.II, Concept Publishing Co., New Delhi, 1989.

**Dias**, Pe. Filinto Cristo —*Esboço da história da literatura Indo-Portuguesa*, Bastorá – Goa, 1963.

**Furtado**, Álvaro de Loyola —*Os primórdios da imprensa e do jornalismo em Goa e no resto da Índia*, Separata do Boletim do Instituto Menezes Bragança, Tipografia Rangel, Bastorá – Goa, 1983.

**Issar**, T.P. – *Goa Dourada* – The Indo-Portuguese Bouquet, T.P. Issar, Bangalore, 1997.

**Menezes Bragança**, Luis – *A Educação e o Ensino na Índia Portuguesa*, A Índia Portuguesa, Nova Goa, 1923.

**Menon**, K.N. – *Portuguese Pockets in India*, Caxton Press, New Delhi, 1953.

**Pannikar**, K.M. – *A survey of Indian History*, Asia Publishing Honoe, Bombay, 1954.

**Rangel**, Jaime – *A imprensa em Goa*, Tipografia Rangel, Bastorá – Goa, 1956.

**Seabra**, Manuel de e **Devi** Vivala – *Literatura Indo-Portuguesa*, Junta de Investigação do Ultramar, Lisboa, 1971.

**Shirodkar**, P.P. (org) – *Goa Cultural Trends (Seminar Papers)*, directorate of Archives, Archeology and Museum, panaji – Goa – 1988.

**Silva Rego**, Antonio de – *O Padroado Portugues do Oriente, Esboço Histórico*, Agencia Geral das colônias, Lisboa, 1940.

**Whiteway**, R.S. – *Rise of Portuguese Power in India 1947-1950*, Archibald Constable & Co., London, 1899.

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Londrina, Paraná-Brasil.